



Uma tarde com o Freixo 31 de Outubro 2015.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Freixo de Espada à Cinta, terra de Missionários, berço de Almirantes, gerador de Poetas, guardião por excelência do estilo Manuelino, detentor de uma das mais belas lendas da História com que se fermenta a toponímia, ou, porque não dizê-lo, o início de tudo.

Terra onde o Douro lava as margens das fragas que escorregam de soberbos miradouros.

Terra de boa sementeira, mãe criadora de suculentas laranjas que compõem o exigente paladar a que se junta um chão que dá preciosas uvas criadoras de um bem precioso que faz jus a todos os poemas da história clássica; a negrinha de freixo, a pequena e formosa azeitona que compõe qualquer mesa que exija brio.

E o que dizer do azeite?

Líquido de ouro que invade na altura certa o pão torrado, ou o bacalhau, eterna iguaria procurada pelos vizinhos de fronteira amiga, porque já correram os dias do mau feitio que a cultura popular alimentou como “de Espanha, nem bom vento nem bom casamento”.

Freixo de Espada à Cinta, terra fértil e de contrastes, como o “belo horrível”, assim chamado ao emblemático Candedo.

Terra de singularidades e de misticismo onde os Sete Passos vagarosos cumprem a missão de perdão e devoção. Se aqui se ora pelos mortos, nas orações ao pão de Ligares que Guerra Junqueira imortalizou, celebra-se a espiga e o fermento. O mesmo é dizer: celebra-se a vida!

A mesma vida que há dentro de um casulo de seda, porque, em Freixo, os fios de ouro ainda passam de tear em tear.

O fuso e a roca cumprem a tradição que Freixo ainda tece, solitário, porque, em toda a Península Ibérica temos que atravessar o mar, e rumar às Canárias para ver tradição quase igual...

Era uma vez, diz-se para contar qualquer história que antes de começar já encantou.

Pois assim é Freixo de Espada à Cinta.

Terra de mãos calejadas, rostos talhados pela beleza de rugas de trabalho, almas doridas mas vivas, que passaram cabos das tormentas para chegarem à boa esperança.

Hoje estamos aqui, entusiasmados a ler a sina dos trabalhos da Arqueologia, em que cada curva de um escombros, cada pó que se levanta, é um novo hino à vida presente de Freixo. “Assim caminhamos para as origens”, como escreveu o poeta brasileiro Manuel Barros.

Mais prosaicamente eu diria: era uma vez... porque, repescando Vitor Nogueira em “A Volta ao Mundo em 50 Poemas” quando falava em Trás os Montes, com indesmentível verdade soltou o verbo e escreveu:

“aqui, onde mito e rito se entrelaçam, há saberes que resistem, escorados no tempo, há usos que nos fazem gente, há um passado e um chão que explicam que sejamos nós. Aqui, onde as estradas finalmente rasgaram montanhas, há montanhas de vontade de continuar aqui”

Obrigada